A ifigênia de Racine

Ivo Bender

A idéia de traduzir a *Ifigênia*, de Racine, surgiu, em primeiro lugar, da minha admiração por esse drama. Não acredito que seja possível transpor para outra língua nenhuma obra literária se essa alquimia não lidar, primeiramente, com a admiração e o amor pela obra a ser transposta.

Depois, eu precisava da *Ifigênia* em português: queria trabalhar a obra com meus alunos e não tinha encontrado, sequer, uma versão para o espanhol.

A presente tradução foi feita em duas etapas. Na primeira, busquei preservar o verso de 12 sílabas e a cesura. Assim, concluído o trabalho, eu tinha em mãos uma espécie de "rough", ou uma projeção daquilo que seria a versão final. Num segundo momento, passei a liberar o discurso obtido de sua roupagem constritora, desmanchando, portanto, a forma. Com isso, perdia-se o ritmo raciniano, ou o que dele sobrara, mas ganhava-se maior proximidade com o que ele nos diz em seus versos.

A dificuldade de verter, de transportar, de traduzir de uma língua para a outra um texto literário, leva-me a pensar se traduzir não é, de fato, uma tarefa impossível. E que o máximo que podemos pretender é dar ao leitor alguma coisa que não é mais Racine, mas que ainda adere àquele tragediógrafo. Como a transmutação dos metais, na alquimia: o ouro permanece inatingível. Mas, terminada a amorosa tarefa, no fundo do almofariz jaz um outro metal. Menos valioso, seguramente. Mesmo assim, ainda um metal.

IFIGÊNIA¹

ATO I

CENA I

Agamenon

Sim, é Agamenon, teu rei quem te desperta:
Vem, reconhece a voz que a teu ouvido fere.

Ivo Bender é professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ RACINE, Jean. *Iphigénie*. Paris, Larousse, 1965. Ato I, Cenas 1 a 5.

Tradução: Ivo Bender.

Arcas

Sois vós mesmo, Senhor! Mas que zelo tão grave
Vos fez antecipar, de muito, a madrugada?
Mal uma tênue luz vos ilumina e me guia;
Vossos olhos só, e os meus, despertos são em Aulis.
Ouvistes vós, pelos ares, algum rumor?
Terão nos atendido as brisas esta noite?
Dorme tudo, porém: Netuno, armada e vento.

Agamenon

Feliz de quem com sorte humilde se contenta,
E livre do soberbo jugo que me prende,
Vive a obscura vida em que os Deuses o esconderam.

Arcas

Desde quando, Senhor, usais essa linguagem?
Alvo de tantas honras, por que secreto/ultraje
Os Deuses, ao vosso anseio sempre atentos,
Fazem-vos esquecer e odiar as Suas dádivas?
Rei, pai, esposo feliz, filho do poderoso Atreu,
A mais rica das terras dominais, entre os Gregos.
Tendo o sangue de Júpiter por ancestral,
A boda inda vos une aos Deuses de quem brotais.
E o jovem Aquiles, louvado por oráculos,
A quem o Céu prediz somente grandes feitos,
Corteja a vossa filha; e de tão belo enlace
Quer, na chamenjante Tróia, acender o facho.
Que glória, que triunfos meu Senhor, igualam
A grandiosa cena que mostram estas praias?
Esses mil barcos, conduzindo vinte reis,
Só vento não esperam para zarpar sob vossas leis?
De fato, a calmaria longa retarda vossas conquistas;
Os ventos, há três meses no alto aprisionados,
Por tempo demais fecham-vos a estrada para Ílion.
Mas, entre tantas honras, homem sois enfim;
Enquanto viveis, a sorte sempre mutável
Não vos prometeu felicidade sem jaça.
Antes... Que males, porém, traçados nessa carta,
Provocam, Senhor, o pranto que derramais?
Findará seus dias, no berço, o vosso Orestes?
Lamentais Ifigênia ou, talvez, Clitemnestra?
Que novas recebestes? Dignai-vos dizer.

Agamenon

Não, tu não morrerás; não posso consentir!

Arcas

Senhor...

Agamenon

O meu tormento vês; sabe o que o causa
E avalia se é tempo, amigo, de eu ter paz.
Recorda o dia em que, reunidos nesta Aulis,
Nossos barcos, pelo vento, pareciam convocados.
Partíamos; e com mil gritos de alegria,
De longe ameaçávamos as praias de Tróia.
Um prodígio assombroso fez calar essa emoção:
O vento, até então propício, no porto nos deixou.
Foi necessário parar, e o inútil remo
Em vão fatigava um paralisado mar.
O insólito portento os olhos me fez voltar
Para a divindade, nestes sítios adorada.
Tendo comigo Menelau, Nestor e Ulisses,
Em seus altares fiz secreto sacrifício.
Que resposta me deu! O que pressenti, Arcas,
Quando ouvi estas palavras ditas por Calcas:
"Ergueis, ante Tróia, uma força inútil
Se por augusta e solene imolação
Uma donzela, do sangue de Helena,
Não ensangüentar, aqui, os altares de Diana.
Para obter os ventos que o Céu vos recusa,
Sacrificai Ifigênia."

Arcas

Vossa filha!

Agamenon

Atônito, como podes adivinhar,
Eu senti no corpo o meu sangue enregelar.
Fiquei sem voz e só recuperei seu uso
Porque irromperam, à força, meus soluços.
Condenei os Deuses e, sem mais nada ouvir,
Jurei, em seus altares, desobedecer-lhes.
Entreguei-me, então, a meu afeto angustiado:
De imediato, quis o exército dispersar.
Ulisses, parecendo aprovar minhas palavras,
Dessa primeira torrente, o fluxo deixou passar.

Mas logo retomando a cruel sagacidade,
Ante mim ele invocou a honra e a pátria,
Todo esse povo, os reis a meu mando submissos,
E o domínio da Ásia, à Grécia prometido:
Pela afronta de imolar o Estado à minha filha,
Rei obscuro, junto à família, eu envelheceria!
Achava-me (confesso com certo pudor)
Sob o fascínio do poder, de minha grandeza, dono:
Os títulos de rei dos reis e de senhor da Grécia
Em meu peito acenderam a vaidosa fraqueza.
E — auge da desgraça! — os Deuses, em meio à noite,
Se um leve sono suspendia os meus cuidados,
Reclamando o privilégio sangrento de seus altares,
Denunciavam minha sacrílega piedade!
E, mostrando o raio a meu espírito confuso,
De braço erguido intimidavam minha recusa.
Eu me rendi, Arcas; e vencido por Ulisses,
Em prantos ordenei o suplício de minha filha.
Dos braços da mãe, porém, era preciso arrancá-la.
Que funesto artifício eu tinha de encontrar!
De Aquiles, seu amado, imitei a linguagem.
Para Argos escrevi, apressando-lhe a viagem,
Que esse guerreiro, ansioso por partir conosco,
Queria rever minha filha e partir como seu esposo.

Arcas

E não temeis em nada o inquieto Aquiles?
Esperais vós que ele, calado e tranqüilo,
Esse herói, que o amor e a razão armará,
Vos permita, para tal crime, o seu nome usar?
Ele consentirá na imolação de sua amada?

Agamenon

Aquiles 'stava ausente; o rei Peleu, seu pai,
Temendo os avanços de um inimigo próximo,
Como te lembras, o chamara destas orlas.
E esse combate, segundo as aparências,
Devia prolongar, por mais tempo, sua ausência.
Mas quem pode, em seu curso, deter a torrente?
Aquiles, em combate, vence rapidamente.
E esse vencedor, confirmando o seu renome,
Ontem, com a noite, ao exército voltou.
Mais fortes laços, no entanto, retêm meu braço:
Minha filha que vem, e se encaminha para o trepasse,

Sequer suspeitando de tão dura sentença;
Talvez se alegre com a bondade de seu pai;
Minha filha... nome com tão sacros direitos!
Sua juventude, meu sangue, não é isso que lamento.
Lamento tanta virtude, um partilhado afeto,
Sua devoção filial, minha ternura por ela,
Um respeito que, em seu âmago, nada pode abalar
E que eu prometera melhor recompensar-lhe.
Não, não posso crer, ó Céu, que a Tua justiça
Aprove a violência desse negro sacrifício.
Teus oráculos só quiseram testar-me, bem sei,
E me punirias se eu ousasse obedecer.
Arcas, eu te escolhi para esta confidência:
Ainda em Esparta, sabendo que eras fiel,
A Rainha te pôs no cargo que junto a mim deténs.
Toma esta carta e corre ao encontro da Rainha.
E faz, sem descansar, de Micenas o caminho.
Quando a encontrares, proíbe-a de avançar,
E dá-lhe estas linhas que acabo de traçar.
Mas não te percas: leva um guia confiável.
Se acaso a minha filha agora chega em Aulis,
Matam-na. Calcas que a espera nestes sítios,
Dará voz aos Deuses e calará nossos gemidos.
E apenas a religião, contra nós levantada,
Pelos timoratos Gregos vai ser acatada.
Aqueles, cuja ambição por minha glória se irrita,
Irão renovar sua pretensão e intriga;
Um poder, que os perturba, me arrancarão talvez.
Vai, salva Ifigênia de minha própria fraqueza.
Mais que tudo, porém, não vás, por indiscreto zelo,
A seus olhos desvelar meu funesto segredo.
Que Ifigênia, nunca antes ludibriada, ignore,
Se possível, a que perigo a deixei exposta.
De uma mãe em fúria, poupa-me tu os gritos:
E ajusta tua voz ao que levas escrito.
Para afastar a filha e a ofendida mãe,
Digo-lhes que Aquiles mudou de pensamento.
E que, de agora em diante, até o seu retorno
Ele quer adiar a boda ansiada por seu amor.
Contar podes também que, da frieza de Aquiles,
Acusa-se em segredo essa jovem Erifila,
Que ele próprio nos trouxe, prisioneira, de Lesbos.
E que, com minha filha, em Argos permanece.
Isso lhes basta: o resto há que silenciar.

A mais viva luz já nos fere e vem clarear;
Escuto um rumor. Eis que vem entrando alguém.
É Aquiles. Vai, parte. Deuses! Ulisses vem também.

CENA 2
AGAMENON, AQUILES, ULISSES

Agamenon

Senhor, é possível que tão rapidamente
A vitória vos trouxe de retorno para Aulis?
De um valor nascente, são estes os ensaios?
Que triunfos não seguirão feitos tão nobres!
Toda a Tessália, vencida ou pacificada,
Lesbos submetida, enquanto o exército esperáveis,
Para outro valor qualquer, eternos monumentos,
São de um ocioso Aquiles apenas divertimentos.

Aquiles

Louvai menos, Senhor, uma simples conquista;
E possa, em breve, o Céu que nos detém aqui
Abrir campo mais nobre a este coração animado
Com o elogio glorioso pelo qual o honrais.
Entretanto, Senhor, o que devo eu pensar
De um rumor que me surpreende e enche de alegria?

O coroamento de meu amor vos dignais antecipar?
E, logo, entre os mortais o mais feliz serei?
Dizem que Ifigênia, chegando nesta praia,
Em breve, o meu destino à sua sorte unirá.

Agamenon

Minha filha? Como sabeis que deverão trazê-la?

Aquiles

Rei, que há nesse rumor que possa estarrecer-vos?

Agamenon (para Ulisses)

Céus! Ele saberá de meu triste artifício?

Ulisses

Senhor, Agamenon com razão se estarrece.
Pensais nos males que pendem sobre nós todos?
Céu! Que tempo escolheste vós para as bodas!
Enquanto, a nossos barcos, o mar sempre fechado

Inquieta toda a Grécia e o exército abate;
Enquanto, para a inclemência dos Deuses dobrar,
É preciso sangue, talvez, e do mais precioso,
Aquiles se dedica somente ao seu amor?
Queríeis desafiar a veneração do povo,
E que o chefe dos Gregos, opondo-se ao destino,
De uma boda preparasse a pompa e os festins?
Ah! Senhor, é assim que a vossa eternecida alma
Chora a desgraça dos Gregos e venera a pátria?

Aquiles

As ações atestarão, nos campos troianos,
Se é Ulisses ou sou eu quem mais à Grécia ama.
Até lá, vos deixo ostentar vosso cuidado:
Podeis, como quiserdes, por ela jurar.
Cobri os altares de oferendas e de sangue,
Interrogai, vós mesmo, das vítimas o flanco.
Do silêncio dos ventos, perguntai a causa;
Eu, porém, a Calcas entrego esse cuidado
E aceitai, Senhor, aceitai que eu corra a apressar
Uma boda que aos Deuses não desagradará.
Tomado de um ardor que ocioso não pode ser,
Aos Gregos, nesta orla, breve me juntarei.
Muito lamentaria se algum outro guerreiro,
Antes de mim, aportasse nas margens troianas.

Agamenon

Por que é preciso, Céu, que a Tua inveja oculta
Feche o caminho da Ásia para tais heróis?
Teria eu visto brilhar este nobre ardor
Só para dele me apartar mais dolorosamente?

Ulisses

Deuses, que escuto?

Aquiles

Senhor, o que ousais vós dizer?

Agamenon

Que é necessário, Príncipes, que vos retireis;
Que por crédula esperança há muito ludibriados,
Esperamos por ventos que nos são negados.
O Céu protege Tróia e, por muitos presságios,
Seu ódio nos fecha o caminho para alcançá-la.

Aquiles

Que horríveis presságios nos revelam seu ódio?

Agamenon

Pensai no que o Céu anuncia para vós.
Para que se iludir? Sabe-se que é à resistência
Vossa que os Deuses ligaram a conquista de Ílion.
Mas, também, que em troca de tão belo triunfo,
Demarcaram, nos campos troianos, vossa tumba;
Que a vossa vida, alhures longa e afortunada,
Frente a Tróia, na sua flor, será ceifada.

Aquiles

Assim, tantos reis unidos para vingar-vos
De vergonha eterna voltarão cumulados;
E Páris, coroando o seu insolente fogo,
Impune reterá a irmã de vossa esposa?

Agamenon

Ora! A nós se antecipando, a vossa coragem
Não teve a preocupação de bem nos vingar?
As desgraças de Lesbos, por vossa mão devastada,
Ainda aterrorizam, do mar Egeu, as águas.
Tróia viu-lhe as chamas; e, adentrando os seus portos,
As ondas carregaram os destroços e os mortos.
Os Troianos, porém, choram uma outra Helena,
Que mandastes prisioneira para Micenas.
Pois, disso não duvido, essa jovem beldade
Guarda um segredo, em vão, que o seu orgulho trai;
E seu próprio silêncio, acusando-lhe a nobreza,
Diz que ela nos oculta uma ilustre princesa.

Aquiles

Não, por demais engenhosos são tais rodeios.
Ledes de muito longe os segredos dos Deuses.
Então me deteria ante vãs ameaças
E fugiria à honra que, em vos seguindo, me aguarda?
Sabe-se que as Parcas à minha mãe revelaram,
Quando ela acolheu, no leito, um esposo mortal,
Que posso escolher entre muitos anos sem glória
Ou poucos dias, seguidos de uma longa memória.
Mas como descer à tumba é, por fim, meu fado,
Poderia eu, da terra sendo um inútil fardo,
Muito cioso do sangue herdado de uma deusa,

Junto a meu pai, envelhecer obscuramente?
E, da grandeza sempre evitando o sendeiro,
Não deixar nome algum, morrendo por inteiro?
Ah, não ergamos estes indignos entraves;
A honra clama, e basta: eis nossos oráculos;
Os Deuses são de nossa vida os mestres soberanos;
Mas, Senhor, nossa glória jaz em nossas próprias mãos.
Por que afligir-nos com as divinas ordens supremas?
Queiramos ser imortais, tão só, feito os Deuses,
E deixando agir a sorte, corramos aonde o valor
Nos prometa um destino tão grandioso quanto o Deles:
Tróia! Para lá corro; e, embora as profecias,
Aos Deuses peço, apenas, condutoras brisas;
E quando só a mim couber assediá-la,
Pátroclo e eu, Senhor, haveremos de vingar-vos.
É às vossas mãos, porém, que o destino a deixa;
De fato, aspiro à honra de seguir-vos, apenas.
Não mais vos pressiono a consentir nos arroubos
De um amor que me afastaria daquelas orlas:
Esse mesmo amor, zeloso de vosso renome,
Espera que o meu exemplo encoraje o exército,
E, sobretudo, me proíbe abandonar-vos
A esses tímidos conselhos que ousam dar-vos.

CENA 3

AGAMENON, ULISSES

Ulisses

Senhor, vós ouvis: o preço não importa,
Ele anseia ir a Tróia e segue sua rota.
Temíamos o seu amor, e hoje o próprio Aquiles
Por um feliz engano arma-nos contra si.

Agamenon

Ai de mim!

Ulisses

Desse gemido que devo esperar?
De um sangue a revoltar-se é esse o balbuciar?
Como crer que uma noite pôde perturbar-vos?
É, pois, vosso coração que acaba de falar?
Pensai nisso: deveis a vossa filha à Grécia.
A nós a prometestes; com base em tal promessa,

Calcas, pelos Gregos consultado a cada dia,
 Predisse, dos ventos, o retorno infalível.
 Se às suas predições os fatos são contrários,
 Pensais que Calcas continue a se calar,
 E seus lamentos, que em vão tentareis apagar,
 Deixem mentir os Deuses sem vos acusar?
 E sabe-se o quê, aos Gregos privados de sua vítima
 Não permite um ódio por eles visto como legítimo?
 Resguardai-vos de levar um povo furioso
 A escolher, Senhor, entre os Deuses e vós.
 E, afinal, não foi o vosso chamado urgente
 Que nos convocou às pradarias do Escamandro?
 E que, de cidade em cidade, invocava os pactos
 Pelos pretendentes de Helena outrora selados,
 Quando muitos Gregos, de vosso irmão rivais,
 Pediam-na em turba a Tindaro, seu pai?
 Ao feliz esposo, que fosse o escolhido,
 Juramos, então, defender-lhe os direitos;
 E se algum insolente a conquista lhe roubara,
 Nossas mãos prometeram, do raptor, dar-lhe a cabeça.
 Mas, não fosseis vós, esse pacto pelo amor ditado
 Honrariamos, quando a paixão serenasse?
 Somente vós, separando-nos de novos amores
 Nos levastes a deixar filhos e esposas.
 E quando, de todos confins em Aulis chegados,
 A honra de vingar-vos rebrilha em nosso olhar;
 Quando a Grécia, vos conferindo o seu sufrágio,
 Reconhece-vos como o autor desta grandiosa façanha,
 E seus reis, podendo disputar-vos o lugar,
 Para vos servir estão prontos a dar seu sangue,
 Somente Agamenon, recusando a vitória,
 Não ousa, com um pouco de sangue, colher tanta glória?
 E, ao primeiro passo, deixando-se amedrontar,
 Comanda os Gregos só para os fazer retornar?

Agamenon

Ah, Senhor, livre da desgraça que me confrange,
 Como vosso coração sabe ser magnânimo!
 Se visseis, porém, cingido com a faixa mortal,
 Vosso filho Telêmaco aproximar-se do altar,
 Seríeis visto, pela horrível cena abalado,
 Logo mudar em pranto essa altiva linguagem
 E, correndo, vos lançar entre Calcas e Telêmaco!
 Senhor, vós o sabeis, eu dei minha palavra:

Se minha filha vem, consinto em sacrificá-la.
 Mas, se embora meus cuidados, sua boa estrela
 Corta-lhe o caminho ou em Argos a retém,
 Aceitai que, sem forçar tão bárbaro espetáculo,
 Eu interprete, em favor de meu sangue, esse entrave.
 Que, para minha filha eu ouse aceitar o auxílio
 De um deus mais terno que vela por sua vida.
 Vossos conselhos sobre mim tiveram grande força
 E me envergonho...

CENA 4

EURÍBATES, AGAMENON, ULISSES

Euríates

Senhor...

Agamenon

Que novas me trazem?

Euríates

A Rainha (adiantei-me, correndo, a seus passos)
 Breve entregará sua filha em vossos braços.
 Ela vem vindo; extraviamo-nos, por um tempo,
 Nas matas que escondem a entrada do acampamento.
 A custo pudemos, na sua obscuridade,
 Reencontrar a trilha de que nos desviáramos.

Agamenon

Céus!

Euríates

Ela traz, também, a jovem Erifila,
 Que Lesbos abandonou entre as mãos de Aquiles;
 E sobre seu destino, para ela irrevelado,
 Erifila vem interrogar a Calcas.
 Da vinda de ambas, a nova já foi lançada
 E uma embevecida multidão de soldados,
 Admirando acima de tudo a beleza de Ifigênia,
 Ao Céu lança votos por sua felicidade.
 Uns, respeitadamente, cercavam a Rainha,
 Outros perguntavam-me a razão de sua vinda.
 Se os Deuses contemplassem, afirmavam todos,
 No trono, talvez, um rei mais que vós glorioso,

Também cumulado de seus secretos favores,
Nunca pai algum foi mais feliz que vós sois.

Agamenon

Já basta, Euríates. Podeis nos deixar.
O resto me diz respeito e tenho de pensar.

CENA 5 AGAMENON, ULISSES

Agamenon

Justo Céu, é assim que firmando Tua vingança
Rompes os recursos de minha vã prudência!
Inda se eu pudesse, livre em minha desgraça,
Com lágrimas, ao menos, a dor aliviar!
Triste sina dos reis! Escravos que nós somos
Dos rigores da sorte e da fala dos homens!
Sitiados por olhares, sem cessar, nos vemos
E os mais infelizes é que ousam chorar menos!

Ulisses

Sou pai, Senhor, e fraco como qualquer outro
Meu coração põe-se fácil no lugar do vosso;
E, tremendo ante o golpe que vos faz gemer,
Quase choro e longe estou de vosso pranto censurar.
Mas vosso amor não mais tem excusa legítima:
Os Deuses, para Calcas, trouxeram sua vítima.
Ele o sabe e a espera; e se a vê demorar-se,
Ele próprio, alteando a voz, virá buscá-la.
Inda estamos sós: enquanto há tempo, chorai
O pranto que tão doce afeto faz brotar.
Chorai esse sangue, chorai; ou antes, intrépido,
Pensai na glória que dele haverá de nascer.
Vede o Helesponto branqueando aos remos nossos;
E, uma vez em chamas a pérfida Tróia,
Sua gente sob vossos ferros, Príamo a vossos pés,
E Helena, por vossa mão, devolvida ao esposo.
Vede nossas naus, com a popa coroada,
Convosco retornando para esta mesma Aulis,
E esse feliz triunfo que se tornará
Em eterno assunto para o tempo que virá.

Agamenon

Senhor, de meus esforços vejo a impotência.
Eu cedo e deixo aos Deuses a opressão da inocência.
A vítima, em breve, seguirá os vossos passos.
Ide. Mas, por ora, fazei Calcas silenciar.
E o funesto segredo me ajudando a ocultar,
Deixai que eu afaste Clitemnestra do altar.